

Impactos de percurso

» MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

As tragédias no planeta acontecem com inusitada frequência. É uma constante cascata de fatos que se sucedem uns atrás dos outros. Sentimos sobre os nervos os abalos da repetição contínua de infortúnios. Não há quem não tenha sofrido com o terremoto do Japão, com os mineiros soterrados do Chile, com os levantes do mundo árabe ou até se assustado com a progressão de queda da moeda americana. A dinâmica da mídia se encarrega de fornecer outras ocorrências que se espalham pela extensão do globo. Ainda bem que não são situações farras apenas de tristeza e de dor. Vêm entremeadas de progresso em outras vertentes da vida. Para alívio e gozo de todos.

É o que se dá hoje com os avanços tecnológicos de uma parafernália de instrumentos médicos destinados a perscrutar o corpo humano e a prolongar-lhe a vida. Robôs e computadores cumprem os comandos para que executem tarefas preestabelecidas. Ligados os aparelhos, apenas acompanham os serviços a serem desempenhados pela máquina. Na realização das tarefas, as máquinas erram menos do que os homens porque são milimetricamente concebidas para não falhar. Se na medicina, as novidades técnicas introduzidas são notáveis, diga-se o mesmo do que se passa em muitos outros segmentos da vida industrial, científica e profissional do mundo.

Nesse e em outros setores do conhecimento humano, cada vez mais o homem se redescobre. Exatamente tal como se verifica com o nível de conscientização das pessoas integradas na defesa ambiental. Se ainda não atingiu o patamar de aperfeiçoamento desejado, na medida em que há nações desleixadas ou alheias quanto aos compromissos com a vida no planeta, não se pode negar que houve ganhos em muitas de suas ações de defesa. Com a implementação de políticas de preservação da natureza, pode-se evitar que a Terra acabe se destruindo pela selvageria de práticas que a devastem.

Somos todos espectadores do transformativo cenário das boas novas que se projetam diante de nós. E que, para ampliá-lo e lhe dar sustentação, cada terráqueo há de contribuir com o que pode na cruzada de salvamento do habitat em que vive. É sempre agradável saber que, a despeito de mazelas e desalentos, há pessoas e segmentos sociais comprometidos com a defesa do planeta. Esse é encargo solidário de qualquer um com o seu meio e de todos os que nele vivem, estejam onde estiverem. É indispensável que se fortaleça o movimento de adesão de todos, para que se possa tornar segura a esperança de melhorar o mundo e salvá-lo enquanto há tempo.

Inclui-se no quadro dos bons acontecimentos desses últimos dias a localização nas profundezas abissais do Atlântico dos restos do Airbus A-330 da Air France, afundado nas cercanias do Arquipélago de São Pedro e São Paulo. O desastre ocorreu em junho de 2009. Depois de duas missões, sem sucesso, com submarinos programados para a descida em águas profundas, felizmente, numa terceira operação, com outros equipamentos, logrou-se situar as principais partes do avião sinistrado. O aparelho levava 228 passageiros e tripulantes no voo 447, do Rio para Paris, quando ocorreu a queda. Entre os destroços, vários corpos de pessoas foram também fotografados.

O achado dos restos do aparelho e de corpos de passageiros em seu interior, ou fora dele, acende a esperança de que as causas do acidente possam ser esclarecidas. Para alguns, pode não parecer significativo o evento, mas é, e muito. Duas são as principais razões que contornam a questão. A primeira delas diz respeito aos parentes que passarão a poder enterrar seus mortos e até reaver pertences eventualmente reconhecidos; a segunda relaciona-se com a real definição das causas do acidente. As informações arquivadas na caixa-preta da aeronave podem servir, por exemplo, para saber se determinados instrumentos de bordo foram os responsáveis pelo acidente e se seus fabricantes devem se responsabilizar por sua queda.

Ouvia o noticiário do início da tarde de quinta-feira passada, quando redigia estas notas, e tomei conhecimento do tiroteio promovido por um maluco contra crianças de uma escola pública estadual do Realengo, no Rio de Janeiro. Até agora são contabilizadas 13 mortes, incluída a do próprio assassino. Doze crianças feridas no tiroteio foram levadas para hospitais locais, algumas em estado desesperador, e não se sabe se todas sobreviverão. Mães, pais, irmãos, parentes e amigos dos estudantes mortos e feridos ficaram chocados com o morticínio. Enfim, toda a nação se impactou com a violência do ato. Como sempre ocorre em situações como essa, o atirador era um solitário, taciturno, abandonado, filho adotivo, drogado.

Esse é mais uma terrível desgraça que se mistura a tantas outras que abalaram o mundo. Sem o que se fazer, todos temos de conviver com a realidade imponderável. Tudo é relativo quando se compara um fato a outro. Basta imaginar as milhares de vítimas do terremoto japonês, do chileno ou do haitiano. Pouco importa, a verdade é que quando se perde a vida, não há medida de grandeza que meça o sofrimento. Pequeno ou grande o desastre, o que não tem limite é a dor que cada um suporta.



Para que servem os políticos?

» JAIME PINSKY
Historiador, professor titular da Unicamp e editor

É provável que eles não existissem nos agrupamentos mais simples, em que os homens viviam apenas para alcançar sua sobrevivência, mas, desde que as sociedades humanas se tornaram mais complexas, os intermediários são registrados pela história. Sacerdotes logo se apresentaram como mediadores necessários entre os homens e a divindade (e/ou os fenômenos inexplicáveis da natureza), assessores tratavam de fazer o meio de campo entre os poderosos e o povo, comerciantes compravam alimentos dos produtores e os revendiam para a população. Juizes se estabeleceram para mediar conflitos, guardas para fazer com que determinações superiores fossem cumpridas, mestres para ministrar conhecimento acumulado e passar valores dos mais velhos para os mais jovens. Intermediar é, pois, uma atividade que tem uma longa história. E nada de errado com isso.

Intermediários, além de frequentemente indispensáveis, têm agido como elemento civilizador. A civilização grega espalhou-se juntamente com o comércio do vinho e do azeite, acondicionados em vasos, muitos deles exibidos hoje como objetos valiosos nos melhores museus do mundo. Fenícios — que viviam no que é hoje o Líbano — espalharam o alfabeto pelo Mediterrâneo. Sem a presença dos comerciantes judeus, a população da Europa medieval não teria acesso ao tráfico de cultura que acompanhava sedas e especiarias trazidas do Oriente. Isso para não falar que as grandes descobertas foram decorrência

muito mais da vontade de lucrar de navegadores e governantes do que da tão propalada sede de perscrutar o desconhecido. O mercantilismo propiciou o encontro de culturas, o que é indiscutível, mesmo que seja muito questionável e até reprovável a forma pela qual a civilização cristã da Europa lidou com a cultura de tribos e reinos americanos e africanos.

No século 19, prosperou, em alguns setores, a ingênua concepção de que a atividade comercial era parasitária. Socialistas ingênuos (e anarquistas mais ingênuos ainda) chegaram a pregar o fim do comércio. Para alguns deles a ausência de intermediários tornaria os produtos mais baratos. Curioso é verificar que essas correntes, supostamente laicas de pensamento social, talvez não soubessem, mas estavam reproduzindo uma ideologia tremendamente retrógrada, tipicamente medieval e necessariamente religiosa, segundo a qual haveria apenas três categorias socialmente legítimas, entre as quais o comerciante não se incluía: os camponeses, cuja função era produzir, os cavaleiros, cuja tarefa era lutar e, evidentemente, os sacerdotes, cujo papel era orar. Dentro dessa visão, o comerciante seria marginal, logo, maldito. Essa concepção funcionou para brevar o desenvolvimento das forças produtivas e congelar a estrutura de poder feudal. Foi nessa barca furada que muitos ingênuos do século 19 entraram.

Como se vê, a existência de intermediários é indispensável em uma sociedade mais complexa, como a nossa. Representantes do

povo são necessários, pois é praticamente impossível deliberar em uma ágora (praça pública), como faziam os gregos, com a presença de todos os cidadãos, sobre todos os temas relevantes (mesmo a democracia ateniense estava longe de ser perfeita, pois marginalizava estrangeiros e mulheres). Policiais para manter a ordem, aquela estabelecida pela maioria dos cidadãos, são essenciais. Professores para transmitir cultura acumulada e valores, são básicos, principalmente em sociedades em que o diálogo entre gerações não é lá essas coisas. Juizes e procuradores são aqueles que têm por tarefa zelar para que as leis, votadas pelos representantes do povo, sejam aplicadas de modo adequado. São todos, pois, intermediários entre a vontade das pessoas, coletivamente concebidas, e a Constituição, as leis e os usos de uma sociedade.

Quando, então, a intermediação não funciona? Quando um dos intermediários erra, seja por omissão, seja pela aplicação desvirtuada daquilo para o que ele recebeu mandato. Um policial que para o motorista de um automóvel com licença vencida e em más condições de uso e decide liberá-lo erra. Um professor despreparado para a docência erra. Um juiz que aplica justiça de classe (a favor de qualquer lado), beneficiando o criminoso de colarinho branco, ou o empregado relapso erra. Um jornalista tendencioso (ele é o intermediário entre o fato e o leitor) erra. Que dizer então de um político que age em causa própria, deixando de representar aquele que o elegeu?



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

Precisa-se de heróis

Nós brasileiros somos carentes de heróis. Se a música é o samba, logo aparece um bicheiro ganhando dinheiro com o tráfico. Se é funk, drogas, crimes e sexo sem freios. Se é no futebol, vem a máfia do apito, ou o jogador idolatrado é flagrado em situação escabrosa, desobedecendo aos superiores ou trocando gentilezas com criminosos. Uma pregação impecável na igreja, lágrimas, voz rouca, sentimento à flor da pele e um buraco na Bíblia para carregar milhares de dólares e sonegar impostos. Ou o pedido de perdão pelos pedófilos que comandavam os leigos. Ou, ainda, o seu voto, dado com toda a convicção. Você brigava para defender seu candidato. Até amigos perdeu com tanto fanatismo. E depois viu sua confiança perdida ou enterrada em uma Caixa de Pandora, ou na boca de um sanguessuga, ou no mensalão, ou em uma Operação Satiagraha, que tentou mostrar a firmeza de uma verdade.

Uma volta pelo Museu da Corrupção deixa qualquer brasileiro triste. Uma fissura se abre e daí não há como negar. A deseducação se espalha pelo ar. Filmes na TV ensinando atrocidades inimagináveis poluem pensamentos de crianças com a personalidade ainda em formação. A Comissão de Direitos Humanos da Câmara jogou para a plateia o assunto baixaria na TV. Nada foi resolvido. Tudo continua como antes. Neta batendo nos avós, crianças estimuladas a mentir, adolescentes grávidas, famílias se desintegrando com gritos e completa falta de respeito. Programas que ridicularizam as pessoas, atacam com piadas destruidoras. O brasileiro passa mais de duas horas na frente de uma televisão bombardeado pela violência, pornografia e consumismo. É melhor a mais bonita, o mais rico. Merece reverência aquele vilão da novela. A pregação é separar as pessoas por cores, preferências sexuais, sotaques. Sempre a desunião toma força. Mas a esperança não morre. Programas como o *Conquista Criança*, *Guarda Mirim*, *Futebol Cidadão*, *Prosepa*, *Adolescentes*, *Batuque*, *Nossa Casa*, *Pescar*, *Segundo Tempo*, *Travessia*, *O Pequeno Nazareno*, *Doutores Alegria*, *Criança Feliz* e tantos outros levados a sério por pessoas que se dedicam a resgatar a infância perdida ou preservá-la. Há políticos sérios empenhados em desatar os nós da violência criando leis para punir mais severamente aqueles que roubam a infância de meninos e meninas nascidos em lares pobres ou ricos. Há jogadores de futebol, vôlei, basquete, tênis e outros esportes que honram as medalhas que beijam. Há também os artistas e diretores de novelas ou editores de jornais na TV empenhados em lutar por uma sociedade mais justa e pela paz.

Perdão, criança da Realengo. Nós temos assistido a toda corrupção de braços cruzados. Poderíamos ser heróis dando bons exemplos, lutando pela melhoria na qualidade das relações humanas. Desculpe, meninada, não termos agido por um Brasil sem jeitinhos. Aquela fila furada, aquele troco errado escondido, aquele nervosismo com o vizinho. Assistimos de camarote a todas as cenas em que os professores tiveram negado o direito a um trabalho mais digno. Mesmo cansados e sobrecarregados de tarefas, eles não desistem, porque acreditam que vale a pena apostar em um futuro melhor. Mesmo que eles não ganhem um salário de artista ou de jogador de futebol, cumprem um script de orações para ter forças para o dia seguinte. Eles levam nos passos a certeza de que estão trilhando até um país melhor.

Temos negligenciado a solidariedade. Até um sorriso e um olhar nos negamos a dar. Temos perdido tanto tempo sem conversa, sem diálogo, sem gargalhadas e histórias engraçadas só para não perder aquele programa na TV. Estamos tão perto e tão longe uns dos outros. Perdão, garotada. Fomos tão passivos com cada cena de violência exibida nas telas, nas ruas, nas salas de aula. Somos covardes para exigir punição. Passaram Isabela Nardoni, João Hélio e tantas outras crianças que perderam a vida. Nós não fizemos nada. Quem sabe um dia esse berço esplêndido que embala nossos gigantes deixe de existir. Só agindo, teremos heróis. Heróis reais. Homens de bem. (Circe Cunha)

»» A frase que foi pronunciada

“Por favor, não me mata!”

Criança da escola de Realengo implorando ao criminoso.

»» História de Brasília

O presidente da República telefonou para o Banco do Brasil às 10h10 e não encontrou ninguém. Foi atendido por um contínuo. Chama fulano, não está; chama sicrano, não está; finalmente, o contínuo chamou um chefe, que atendeu ao presidente, e ninguém sabe o que houve. (Publicado em 7/4/1961)